Mad Maria: história e ficção na obra de Márcio Souza

César Augusto de Araújo Arraes[1]
Joanna da Silva[2]

Resumo: este trabalho tem por objetivo analisar, de forma crítica, questões históricas e socioculturais presentes na obra literária *Mad Maria* (1985), do autor amazonense Márcio Souza. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico analítico que toma como alicerce teórico a crítica histórica e sociocultural aplicada à literatura amazônica, embasada em autores como: SOUZA (1978), CANDIDO (2006), CUNHA (1909), GONDIM (2007), LUKÁCS (2011), MONTEIRO (1998), entre outros. A obra de Márcio Souza, *corpus* principal da pesquisa, retrata a construção da Ferrovia Madeira Mamoré, contextualizada na região Sul do Amazonas, Rondônia, Acre e Bolívia, e também na região sudeste do Brasil, sede do governo Federal na época, local onde se realizavam as negociações políticas em torno do desenvolvimento do projeto de construção da Estrada de Ferro.

Palavras-chave: Estrada de Ferro. Contexto Histórico. Crítica social.

Abstract: this study aims to analyze, criticaly historical and sociocultural issues present in the Literary work "Mad Maria" (1985), the Amazon author Márcio Souza. This research consists of a bibliographic analytical search that has as a theoretical foundation the historical and socio-cultural criticism applied to the Amazonian literature, based on authors as: SOUZA (1978), CANDIDO (2006), CUNHA (1909), GONDIM (2007), LUKÁCS (2011), MONTEIRO (1998), amongst others. The work of Márcio Souza, main corpus of the research, portrays the construction of the Railway Madeira Mamoré, contextualized in the southern region of Amazonas, Rondônia, Acre and Bolivia, and also in the southeastern part of Brazil, of the Federal Government during the time, local where negotiations were hold around the development of the construction project of the railroad.

Key-words: Historical context. Railroad. Social criticism.

[1]Acadêmico finalista do curso de Letras (Português/Inglês) do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas – IEAA/UFA.
[2]Professora Mestra do Curso de Letras (Português/Inglês) do IEAA/UFAM - Orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

1 Introdução

O ciclo da borracha na Amazônia foi uma das mais importantes atividades econômicas na região, cujo processo de extração e comércio foi tema recorrente na literatura regionalista ao abordar as mais variadas temáticas, desde a falta de escrúpulo dos chamados "coronéis de barranco", responsáveis por aprisionar e maltratar trabalhadores humildes e miseráveis no interior da floresta, onde muitos não conseguiam sobreviver aos perigos que a inóspita floresta oferecia, assim como também não deixou de registrar as tentativas de implantar o progresso e o desenvolvimento numa região enriquecida e distante do centro sul e sudeste do país.

Dentre os projetos de desenvolvimento implantados na região nessa época, a construção da estrada de ferro Madeira Mamoré foi um dos principais, cujo propósito era contribuir para o crescimento econômico da região. A execução desse empreendimento contou com a parceria de três grandes nações: Brasil, Estados Unidos e Inglaterra, que investiram na seleção de homens de outras nacionalidades e os "despejaram" na selva amazônica.

Partindo desse contexto, o presente estudo toma como objeto de pesquisa e análise a obra *Mad Maria*, publicada no ano de 1985, de autoria do escritor Márcio de Souza, cuja leitura nos permite conhecer como surgiu a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, e quais foram as consequências sociais e históricas dessa construção para a região Norte do Brasil. Assim, o objetivo principal nesse trabalho consiste em analisar de forma crítica as questões históricas e socioculturais que envolveram a construção da Ferrovia e que se fazem representar na obra em tela.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica a respeito dos acontecimentos históricos registrados na narrativa ficcional que retrata a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, na região do atual estado de Rondônia, especificamente na região de Porto Velho e Abunã, e também na Bolívia. O projeto ferroviário do governo brasileiro, com pretensão de levar "o progresso e o desenvolvimento" para uma região desconhecida e imprevisível, que era a floresta Amazônica, resultou no fracasso, pois os interesses eram ambíguos, além de que, o declínio do ciclo da borracha foi um dos principais fatores que contribuíram para o insucesso do empreendimento.

Em sua narrativa ficcional, Márcio Souza (1985) busca unificar fatos históricos e ficcionais e apresentar as circunstâncias que resultaram do audacioso plano do governo brasileiro de edificar a ferrovia. Souza desperta nossa atenção para o contexto histórico-político, as condições hostis do clima e a geografia da selva bruta, que ofereciam grandes perigos, e, também, as problemáticas sociais que envolveram os personagens inseridos naquele contexto.

Para fundamentar essa discussão conceituando a Literatura enquanto prática e representação social, embasamos nossa análise com estudos teóricos de críticos como CANDIDO (2006), LUKÁCS (2011), entre outros. Ao direcionar nossa pesquisa para o campo histórico e social da Amazônia, adotamos os seguintes teóricos: SOUZA (1978), MONTEIRO (1998), GONDIM (2007), entre outros. Assim, o presente estudo toma como *corpus* principal a obra *Mad Maria*, de Márcio Souza (1985), que se contextualiza na região Sul do Amazonas, Rondônia, Acre e Bolívia, e, também, na região sudeste do Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, sede do governo Federal, local onde se realizaram as discussões políticas em torno das negociações para o desenvolvimento do projeto da construção da Estrada de Ferro.

2 Aspectos socioculturais presentes nas obras literárias

Ao analisarmos uma obra literária se tem por base a necessidade de considerarmos a sociologia na literatura como uma ciência que nos auxilia na compreensão da sociedade, sua tendência será a de olhar para a obra como um produto social, no qual se opera a transformação do fato literário em fato social. (LIMA, 2002)

Fato literário porque possui o seu valor ético, social e ideológico e, também, fato social, porque a obra literária proporciona ao leitor um conhecimento abrangente e também um ato de aprendizagem, pelas experiências vividas que a leitura lhe oferece. Partindo dessa linha, observa-se um dos papéis da literatura, a função básica que permite ao indivíduo compreender o comportamento humano à medida que a obra representa, ou espelha, os vários aspectos de uma sociedade, em determinada época.

Segundo Todorov (*apud* BARTHES, 2011), a obra literária possui dois aspectos: ela é ao mesmo tempo uma história e um discurso. Ela é história porque evoca uma certa realidade dos fatos apresentados, ou seja, a ficção, na maioria das vezes, pauta-se em fatos reais. É também discurso, porque existe um narrador que evidencia por meios ficcionais a existência dos acontecimentos utilizando os recursos linguísticos e literários.

Antônio Candido (2006), afirma que a manifestação artística na obra literária é arte e do ponto de vista social, toda obra possui dois aspectos: a integração e a diferenciação. O primeiro tem como objetivo a utilização dos sistemas simbólicos vigentes que já foram estabelecidos pela sociedade, enquanto o segundo se preocupa em renovar o sistema simbólico para atender a um número mais reduzido de receptores dessa mesma sociedade. Esses aspectos

- não somente esses – fazem da literatura a representação social influenciando e/ou alterando os valores comuns e as diferenças peculiares entre um e outro.

2.1 A literatura amazônica e os aspectos socioculturais

A região amazônica é muito rica em recursos naturais e em sua biodiversidade. A informação a respeito dessa região foi retratada por diversos escritores desde o período da colonização até os tempos atuais. A Amazônia ao ser apresentada de forma histórica nos leva a refletir sobre a visão do mundo que nos deixaram os primeiros observadores e graças a essas perspectivas das paisagens, do índio e de grupos sociais que entendemos as condições primitivas de uma cultura.

A obra *À margem da história*, de autoria de Euclides da Cunha, publicada em 1909, registra aspectos sociais e culturais da região, além de narrar as condições de vida dos migrantes nordestinos nos seringais amazônicos. Nesse contexto histórico, a Amazônia estava vivendo o grande momento econômico e exploratório, especialmente no período da extração da borracha. Essa obra narra alguns dos principais propósitos dos governos dos dois países, Brasil e Peru, os quais buscavam expansão territorial, industrial e econômica, que envolveram uma grande movimentação de pessoas de diversos lugares que se reuniram em uma região sem condições mínimas de moradia, trabalho, alimentação, saúde entre outros.

Euclides da Cunha (1909) relata a trajetória do migrante nordestino desde o instante que deixou a família e se mudou para a Amazônia, endividando-se por conta de passagem, local de descanso, alimentação, alguns materiais garantidos pelo patrão para a subsistência pessoal, tudo isso resultando em uma dívida assustadora para o migrante, isso sem a possibilidade de adoecer, pois não podia deixar de trabalhar um só dia, tudo isso para enriquecer o seu patrão. Esses fatores demonstram as dificuldades que esses homens enfrentaram ao chegar à região amazônica (CUNHA, 1909).

Da mesma forma que Euclides da Cunha escreveu sobre a paisagem rural e edênica na Amazônia, há outros escritores que registram fatos socioculturais, entre eles podemos citar José Potyguara, eo romance *Terra caída*, publicada em 2007, que narra a vida de seringueiros os quais vivenciaram uma aventura ambientada no "inferno verde" da floresta amazônica, especificamente no Acre. Como há igualmente, Márcio Souza, com *Galvez, imperador do Acre,* publicado em 1976, que constrói o romance em forma de folhetim, narra o episódio de anexação

do território do Acre pelo Brasil, e, *Mad Maria*, publicado no ano de 1985, cujos fatos narrados nessa obra reportam-se à década de 1910, pautados em fatos reais relacionados à história amazônica, mas também com personagens fictícios. Souza também registra a realidade da exterminação de um povo autóctone e suas múltiplas culturas, cujo propósito governamental e capitalista era a justificativa do acesso à civilização moderna para a região norte. Além disso, há a demonstração da imensa área da região e suas características, em especial a cidade de Porto Velho, estado de Rondônia, demograficamente de difícil acesso, tornando-se um grande desafio para a tecnologia da época, será essa obra: *Mad Maria* (1985) o objeto de análise desse trabalho.

2.2 *Mad Maria* e o contexto histórico e político no Brasil

O romance possui uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente na qual podemos perceber sua grandeza e a forma como os escritores desenvolvem as temáticas ao unificar as personagens no contexto da trama. Além disso, o gênero literário romance é dotado de características que podem estimular a exploração do mundo e, ao mesmo tempo, promover um senso de solidão ampliando os horizontes da existência humana, tornando as pessoas mais sensíveis ao que está a sua volta. Descrever fatos ou acontecimentos reais através da ficção é uma das características do romance, da qual diversos escritores utilizaram/utilizam.

Segundo Lukács (2011, p. 60), o romance histórico não se restringe em relatar somente os grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Essa ideia nos traz a reflexão de que o romance histórico nos permite conhecer a ideologia e as expressões históricas e sociais de uma época. Assim, o romance pode ser considerado um elemento histórico, pois torna-se essencial para a sociedade o registro de atos e personagens que foram envolvidos em uma narrativa.

Ao analisar o gênero romance histórico, Lukács (2011) afirma que esse gênero literário possui personagens reais e ficcionais que figuram numa interação riquíssima. A riqueza de detalhes faz com que as personalidades históricas, do ponto de vista da trama, estejam apenas como coadjuvantes. É claro que essa ação não tem a intensão de reduzir o papel das personagens históricas, mas sim de apresentar notoriedade em situações que são historicamente importantes.

De acordo com Monteiro (1998), o romance é uma extensão do homem, da vida, da sociedade. E o escritor não reproduz apenas a vida em sua infinita amplitude dilatada no tempo,

porque a vida é história e a história só pode ser encontrada, ou enfatizada em detalhes, num romance.

O elemento ficcional do romance é a continuação direta dos fatos reais, mas para esse entendimento torna-se necessário levar em conta que a literatura possui três funções básicas: total, social e ideológica. Cândido (2006) afirma que para uma compreensão de forma equilibrada e como objeto de estudo essas funções devem ser analisadas de forma simultânea. Considerando tais funções, e aplicando-as na obra *Mad Maria* (1985), sob uma perspectiva analítica, podemos verificar a representação de questões políticas, sociais e culturais que envolveram a construção da estrada de ferro e as consequências que esse empreendimento trouxe para a região.

A construção da ferrovia, como fato histórico, também despertou o interesse de outros escritores que escreveram sobre esse "engenhoso" investimento, entre eles temos: Hardman (1988), escritor brasileiro, que escreve sobre a construção dessa ferrovia (400 Km) na selva e a denomina como "O Trem Fantasma". Ferreira (2005) intitula sua obra como "A ferrovia do diabo", que é chamada assim em razão de tanta discórdia e morte de muitos homens. Essas obras relatam fatos reais sobre a construção da ferrovia. Souza também utiliza-se desse mesmo recurso ao desenvolver a narrativa de *Mad Maria* utilizando-se da construção de personagens ficcionais, como o próprio narrador alerta seus leitores ao iniciar a narrativa dizendo:

> Quase tudo neste livro bem podia ter acontecido como vai descrito. No que se refere à construção da ferrovia há muito de verdadeiro. Quanto à política das altas esferas, também. Mas este livro não passa de um romance. (SOUZA, 1985, p. 11)

Como o narrador diz: "mas este livro não passa de um romance", assim, a narrativa inicia-se com a apresentação da cena natural da região com a presença dos escorpiões como se fossem no sentido figurado e que demonstram as tragédias e infortúnios que todos os homens enfrentariam naquela região. É diante dessa cena que Souza desenvolve a narrativa na qual os personagens oriundos de diversos países, como Inglaterra, Estados Unidos da América, China, Alemanha, Barbados, Espanha, Portugal, Itália e alguns brasileiros, trabalham na construção da estrada de ferro.

O enredo de *Mad Maria* é desenvolvido em três tramas que se unem no decorrer da narrativa, na primeira trama há personagens que, oriundos de diversas nações, enfrentam as dificuldades na região ainda inexplorada, que trabalham na construção da ferrovia. Na segunda trama, há a presença de um nativo da região, Joe Caripuna, que acompanha a construção da

ferrovia e representa a única esperança em manter a tradição de um povo exterminado em decorrência da construção da estrada, mas que ainda luta pela sua sobrevivência e, na terceira trama, a narrativa apresenta um casal de bolivianos que, com a ajuda de alguns índios enfrentam "as dezenove corredeiras do Madeira" em meio a um clima adverso. Nesse contexto, realiza-se a completude do romance que contém aspectos históricos, sociais e culturais desenvolvidos na região de Rondônia.

O final do século XIX e início do século XX registra o mundo passando por transformações ideológicas em conflito, como o tradicionalismo agrário sob a influência dos europeus e norte-americanos que não correspondiam às ansiedades da população brasileira. Também as grandes potências econômicas enfrentavam uma competição acirrada por mais consumidores e, consequentemente, as indústrias necessitavam de maiores investimentos, em meio a iminente possibilidade de guerra.

No Brasil, após a proclamação da República, a região sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) se une para fazer oposição ao governo do Marechal Floriano Peixoto, que ficou conhecida como República Federalista (1893-1895), isso gerou intensa violência e crueldade. Ao mesmo tempo, houve a Revolta da Armada na qual a Marinha, descontente com o governo de Floriano, também coloca seus navios apontando seus canhões para o palácio do governo no Rio de Janeiro. Acontece o convencimento dos revoltosos e esses navios se dirigem ao sul com a finalidade de lutar contra os rebeldes e assim esmagar a revolta, consolidando o governo da República. Daí surge um novo presidente, Prudente de Morais, de origem paulista, que dá início à República do Café-com-Leite, considerada a época áurea da economia do Sudeste, com a produção do café em São Paulo e leite em Minas Gerais (JOANILHO, 2009).

Esse é o mesmo período que Euclides da Cunha escreve a obra "Os sertões" (1902) e relata a Revolta de Canudos ocorrida na Bahia, com riqueza de detalhes geográficos, históricos, etnológicos do Brasil e a denúncia de uma barbárie que causou a morte de aproximadamente 25.000 pessoas.

No período entre 1903 e 1914, o Brasil recebeu cerca de 1,5 milhão de emigrantes, e, o governo brasileiro com a política de desenvolvimento econômico incentivou a instalação industrial na região sudeste. Na região norte, o governo brasileiro negociou com a Bolívia a incorporação do Acre como território pertencente ao Brasil, mediante o pagamento de dois (02) milhões de libras esterlinas, e na negociação assumiu o compromisso de construir uma estrada de ferro que daria à Bolívia o acesso ao Oceano Atlântico. Esse compromisso assumido entre as duas nações é o chamado Tratado de Petrópolis que determina o seguinte:

> Os Estados Unidos do Brasil se obrigam a construir em território brasileiro, por si ou por empresa particular, uma ferrovia, desde o porto de Santo Antônio, no rio Madeira, até Guajará-Mirim, no rio Mamoré, com um ramal que, passando pela Vila Murtinho ou por outro ponto próximo (Estado do Mato Grosso), chegue à Vila Bela (na Bolívia), na confluência dos rios Beni e Mamoré. Dessa ferrovia, que o Brasil se esforçará por concluir no prazo de quatro anos, usarão ambos os países, com direito às mesmas franquias e tarifas. (TRATADO DE PETRÓPOLIS, 1903, cláusula VII)

Esse tratado permitiu à Bolívia vivenciar a tão desejada ideia de alcançar o Atlântico através do rio Madeira e do Amazonas, com isso estabeleceria uma rota definitiva para escoamento de suas riquezas, mas o traçado idealizado pelos bolivianos apresentava um obstáculo à navegação, o trecho de aproximadamente 300 km, com muitas cachoeiras, do Madeira, entre os rios Mamoré e Santo Antônio, por essas razões, a proposta de construção da estrada de ferro é inserida no tratado. Essa obra também interessava aos brasileiros, pois oferecia uma nova alternativa de acesso do estado de Mato Grosso a Rondônia.

2.3 Questões socioculturais durante a construção da ferrovia

Para que esse empreendimento fosse realizado houve algumas questões que dificultaram a harmonia entre os trabalhadores e a narrativa ficcional de Márcio Souza deixa isso muito claro. O narrador onisciente, observador, descreve a situação dos homens trabalhadores como maltrapilhos, abatidos, esqueléticos, decrépitos como condenados de um campo de trabalhos forçados. Souza (1985) desenvolve a narrativa com o resgate da história transformada em texto literário, oferecendo ao leitor a visão dos problemas socioculturais da época.

Na obra *Mad Maria*, Souza apresenta vários fatores que são objetos de análise, seguindo a ordem apresentada na narrativa, são o local adverso, trabalho, moradia, saúde, cultura e linguagem.

Nos confins da Amazônia, nessa terra desconhecida, ninguém sabia o que enfrentar e a adversidade dessa região é narrada por muitos escritores e em várias épocas, Gondim (2007) afirma que dificilmente se encontrará um relatório de viajante sobre a Amazônia que não mostre o paraíso transformado em inferno pela ação dos mosquitos. Da mesma forma que os cronistas do descobrimento vivenciaram tais momentos, é certo que os migrantes envolvidos na construção da estrada de ferro também enfrentaram.

> Collier sentia sede e seus braços ardiam cheios de calombos. Quando ele passava a mão sobre a pele do braço, era como se experimentasse a pele grossa de algum sáurio. Os braços do Collier tinham sido cruelmente mordidos pelos mosquitos. Tudo porque esquecera de vestir uma camisa de mangas compridas. Ele fora obrigado a entrar vinte metros na mata virgem e vira-se imediatamente sugado e ferrado pelos insetos. (SOUZA, 1985, p. 17)

Segundo Souza (1978), sustentados pelo ideal do avanço econômico, a sociedade não faz mais do que seguir a tradição espoliadora. O homem destrói as florestas sem levar em conta as consequências desse ato, tudo isso com o objetivo de alimentar a fome das grandes indústrias capitalistas.

Para manter, ainda, essa tradição espoliadora, os trabalhadores eram divididos em setores, parecendo classes trabalhadoras, de acordo com a nacionalidade, e numa escala de importância definida pelos maiorais. O maquinista, o foguista, os mecânicos, topógrafos, cozinheiros e enfermeiros eram americanos e, também, o médico, todos se relacionavam diretamente com o engenheiro Collier, que era inglês. “Os chineses desmatavam, os alemães cuidavam da terraplanagem, os barbadianos na colocação dos trilhos, os espanhóis eram do sistema repressivo em Cuba e exerciam a função da guarda. Todos esses homens tinham jornada diária de 11 horas de trabalho com uma hora de descanso” (SOUZA, 1985, p.18).

Para obter o controle social dos trabalhadores era perceptível a maneira impositiva demonstrada na narrativa, pois isso é resultado de uma sociedade que tem passado por mudanças filosóficas e sociais, aonde o homem se tornou uma mercadoria do sistema político e econômico.

De acordo com Marx,

> O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, que se transformou em coisa física, é a objetivação do trabalho. A realização do trabalho constitui simultaneamente a sua objetivação. A realização do trabalho aparece na esfera da economia política como desrealização do trabalhador, a objetivação como perda, e servidão do objeto, a apropriação como alienação. (MARX, 1964, p. 159)

A desumanização do trabalhador se reflete na perda do caráter formador do ser humano, deixando de ser a ferramenta de mediação, explorando apenas o resultado de suas potencialidades. Não há a preocupação com o indivíduo em suas necessidades básicas para sobrevivência, há somente o interesse em cumprir o desejo de alguns sujeitos do capitalismo e do sistema político da época.

Questões dessa natureza são registradas na obra Souza quando, por exemplo, o engenheiro chefe pergunta a um dos barbadianos o porquê dos companheiros estarem tristes, a resposta é simples:

> - Estão descontentes, o dinheiro é pouco, senhor.
> - Os outros homens também estão descontentes. Os perigos são muitos, dizem que foram enganados e querem viver. (SOUZA, 1985, p. 100)

O cenário da construção somado às condições de trabalho proporcionou o desequilíbrio emocional entre os trabalhadores, pois qualquer pessoa em situação semelhante está sujeito a reações adversas. As dificuldades que eles enfrentavam permitiu-lhes que seus ânimos e sentimentos contrários se alterassem culminando no desgaste da relação harmoniosa e, consequentemente, a agressão entre os trabalhadores. Há um momento que os relacionamentos se complicam de tal forma, que o engenheiro chefe é obrigado a intervir, ele dirige-se ao local de uma confusão que envolvia alemães e barbadianos e diz:

> - É um inferno, Thomas, como se não bastassem as dificuldades do terreno. Ninguém parece manter a razão por aqui. Com mil diabos, isto é pior do que uma guerra. (SOUZA, 1985, p. 31)

Diante de uma narrativa com a figuração humana e histórica, o autor busca estabelecer uma nova ação perante a vida, contudo, na narrativa ele respeita a hierarquia de valores diretamente ligados à ficção e a realidade. Essa criação gera a responsabilidade do escritor em transmitir informações, de ilustrar, ou de recriar estados sociais. Souza mantem o compromisso de ser o mais fiel possível à realidade, proporcionando ao leitor reconstruir o ambiente intelectual de um tempo anterior ao seu.

A narrativa se desenvolve em meio às diversas situações de humilhação e constrangimento dos homens, cujas moradias foram construídas de forma inadequada e imprópria, conforme citação:

> Uma armação tosca, sem teto, construída de troncos, servia para os trabalhadores atarem suas redes. Ali eles dormem; embora chamar aquilo de dormitório fosse mais do que um eufemismo cínico. (SOUZA, 1985, p. 41)

Enquanto isso, contrapondo-se ao ambiente da floresta, os responsáveis pela companhia, e também os agentes públicos, desfrutavam de instalações luxuosas, excelentes condições de trabalho, higiene e saúde no Rio de Janeiro.

> Farquhar entrou em seu escritório depois de passar pela sala espaçosa... ficava num único andar... arquitetura francesa... salão suavemente perfumado porque todas as noites, após o expediente, uma turma de limpeza varria e lustrava o piso e os móveis com uma solução sanitária vinda dos Estados Unidos. (SOUZA, 1985, p. 34-35)

> Farquhar vivia em três apartamentos conjugados do Hotel Avenida transformados em sala de visitas, de reuniões e quarto de dormir. ...agradavelmente espaçosos, decorados discretamente com móveis franceses no estilo Restauração, estavam alugados o ano inteiro... (SOUZA, 1985, p. 50-51)

A descrição apresentada acima demonstra a forma que diferenciava a vida do sujeito-dominante e do sujeito-dominado, aonde o primeiro tem um tratamento diferenciado com privilégios, enquanto o segundo é submetido a uma rotina diária estafante e condições de vida desumanas. Diante dessas condições a ratificação e manutenção do poder ao sujeito-dominante são perpetuadas, porque enquanto um grupo de pessoas detém a supremacia, desfrutam de benefícios que se tornam luxos, outras exercem suas funções sem qualquer necessidade básica atendida, ou seja, trabalho escravo. Isso é resultado do descaso das autoridades públicas que estavam interessadas apenas no empreendimento e na sua rentabilidade econômica.

> O presidente Rodrigues Alves disse-lhe que acreditava nos capitais estrangeiros, pois afinal praticamente tudo o que existia de melhor no país tinha sido obra dos braços e dos capitais estrangeiros. Farquhar ficou tão entusiasmado com o presidente que entrou no ramo de hotéis, expandindo-se aos poucos para outros ramos da economia.
> ...adorava o Brasil porque lhe dava muitos lucros... (SOUZA, 1985, p. 73)

O império de Farquhar lançou base para numerosos serviços públicos no Brasil, também permitiu construir obras de vulto, como cais de portos, e com a posse de vasta área de seringais localizados junto ao traçado da estrada de ferro abriu caminho para a exploração madeireira em grande escala.

Durante a construção da ferrovia os homens se sentiam esmagados pelo peso da tarefa, pois eram obrigados diariamente a derrubar árvores gigantescas, esfolando-se sob o sol escaldante. O respeito às necessidades básicas do ser humano não foi atendido, fato que contribuiu para enfraquecê-los fisicamente, e as más condições quanto ao tratamento da saúde dos trabalhadores é notório. Em meio à selva bruta, o médico da empresa não se encontrava devidamente equipado para atender a demanda, ele distribui aos trabalhadores um remédio chamado “quinino”, para evitar as possíveis doenças regionais, mas alguns alemães que

estavam doentes e pronunciando uivos durante a noite, como se fossem animais, faziam um barulho incontrolável:

> Gritos dilacerantes e guturais aspergiram medo pela noite como areia vitrificada rompendo-se ao sol.
> - O que foi isso! – murmurou Collier (SOUZA, 1985, p. 101)

O engenheiro Collier era conhecido por sua insensibilidade extrema, punho firme e até por causa da posição que ocupava tinha que resolver, diariamente, questões de forma impensada e o barulho "infernal" provocou indignação ao engenheiro e ainda mais quando descobriu que os homens barulhentos eram alemães e não estavam tomando a medicação recomendada, ou seja, os alemães vendiam os comprimidos para sobreviverem naquele "inferno". Diante desse cenário, o engenheiro não suporta o barulho e resolve dar a ordem para os guardas amarrarem os doentes e colocarem trapos de pano em suas bocas:

> - Amarrem com firmeza para que eles não tenham chances de escapar.
> - Cuidado para não tirar a respiração do desgraçado. (SOUZA, 1985, p. 105)

Os homens viviam em constante medo, cansaço, solidão e as condições sanitárias era um desafio, pois aqueles que ficavam doentes e fossem encaminhados à enfermaria improvisada na selva, era um caminho sem retorno.

Os programas de higiene dos trabalhadores eram lamentáveis, por volta das dez horas da manhã eles apareciam despidos e em fila: "Improvisaram um vagonete como palanque, onde quatro ou cinco homens passavam sabão em todo o corpo para tirar a sujeira acumulada da semana e recebiam jatos de águas. Depois desse ritual recebiam roupas novas, somente sapatos eram os mesmos" (SOUZA, 1985, p. 167).

Esse ritual de banho era uma prática que acontecia somente uma vez por semana, aos domingos. Manter as condições mínimas de higiene quando o asseio é realizado somente uma vez a cada sete dias é impossível, e os doentes eram dispensados desse "ritual". Através dessa citação, é possível observar que Souza apresenta mais uma função básica da literatura que é a ideológica. Nessa perspectiva, o objetivo é fortalecer a dependência total dos trabalhadores ao sistema, pois nessas condições os homens permaneciam indefesos, assustados e se contrariassem qualquer ordem estavam sujeitos a punições ou até à morte, não tinham possibilidade de escolha, mas de sujeição completa.

A ideia de progresso ali, no meio da selva era apenas uma ilusão, os trabalhadores não foram orientados, nem respeitados quanto às suas diferenças de nacionalidade, seus costumes e tradições. Inconformados, os barbadianos questionavam o médico da companhia, Dr Finnegan:

> - O que é que tu fizeste com eles? – perguntou arrogante um dos barbadianos, apontando para os cadáveres.
> - Não entendo – respondeu Finnegan.
> - Tu mexeste neles? – insistiu o barbadiano. (SOUZA, 1985, p. 43)

O médico tinha realizado a necropsia nos corpos dos barbadianos e isso é a forma legal utilizada pelos agentes da medicina para emissão da certidão de óbito. O estranho é que para os barbadianos esse ato não deve ser feito, ou seja, o corpo de um barbadiano morto não deve ser tocado, pois é considerado sagrado. E, após uma conversa do engenheiro Collier com o médico, Dr. Finnegan, verifica-se o esclarecimento dessa tradição cultural.

> - Esses negros, meu rapaz, não respeitam ninguém enquanto está vivo. Mas depois que alguém morre, o corpo desse homem é sagrado.
> - Eles acreditam que um morto pode voltar a viver e servir de escravo para quem o possuir – completou o engenheiro. (SOUZA, 1985, p. 77 e 78)

O engenheiro explica que os barbadianos acreditavam na transfiguração de seus conterrâneos em “homens sagrados”, após a morte, e a necropsia não deveria ser realizada. Por isso, cumpriam seus rituais a risca, enterrando-os em sepulturas toscas e alguns objetos simbólicos que deveria ser respeitado por todos.

Nessa perspectiva cultural, a cultura norte-americana é mencionada pelo engenheiro justificando o porquê do nome da locomotiva:

> Mad Maria, a rainha de ferro, foi o nome com que os homens decidiram batizar a locomotiva que estava ali trabalhando. Para ele havia alguma coisa de contraditório na escolha do nome. Nas línguas latinas que falam na América do Sul, locomotiva é uma palavra feminina e teria sido fácil identificar a eficiente máquina com uma mulher. Mas em inglês é uma palavra neutra, e foram homens de língua inglesa que batizaram a locomotiva. De início, Collier chegou a pensar que o nome poderia ser explicado pelo costume dos norte-americanos aplicarem nomes de mulheres em calamidades como furacões e tornados. (SOUZA, 1985, p. 143)

Percebe-se um comportamento ou costume preconceituoso, pois em calamidades coloca-se o nome de uma mulher, justificando que os problemas sociais ou catastróficos, geralmente são provocados por mulher.

Outro aspecto cultural apresentado no decorrer da narrativa é o momento em que o engenheiro e o médico conversam sobre algumas lembranças, sobre a decisão de aceitar trabalhar nesse empreendimento. Nessa citação, o engenheiro revela seu pensamento sobre a ferrovia.

> Era inverno, em Virgínia, no ano de 1909, ele julgava-se aposentado e perguntava a Farqhuar por que diabos tinham resolvido construir uma estrada de ferro que saía do nada e que levava a parte alguma. (SOUZA, 1985, p. 256)

Logo mais o diálogo continua e traz uma revelação ideológica da empresa em relação aos povos e nações que necessitam do progresso.

> - É claro estamos deixando a nossa contribuição. Ao lado da cadeia de tijolos, está a escola para formar funcionários nativos subalternos. Nós não esquecemos nem de ensinar aos jovens nativos o futebol. E aprendem beber uísque, principalmente a beber uísque. Enquanto isso, repetimos a mesma conversa. E enchemos a cara e enriquecemos, enquanto destruímos tudo, enquanto espalhamos os nossos próprios vícios.
> ...nós deixaremos os nativos tão corruptos que considerarão natural a supremacia de vocês. (SOUZA, 1985, p. 259 e 260)

Essa ideologia apresentada pelo engenheiro Collier, acerca do progresso, defende o uso da técnica como aumento de poder. Bacon (apud FALABRETTI, 2011), afirma que o ser humano possui capacidades técnicas para garantir o desenvolvimento de seu semelhante, aliada à ciência, em sua obra, *Nova Atlântida* (1627), ele descreve uma cidade "ideal" baseada no domínio da técnica e no progresso absoluto, advindo das descobertas humanas.

Em razão da necessidade de provisão, segundo Falabretti (2011), a questão do domínio de poder não está na técnica, mas que o homem se esqueceu do poder que a ela concedeu e que na era moderna tornou um poder dominador, no qual a técnica não é mais uma produção, mas uma exploração da natureza. O homem perdeu o senso de responsabilidade na justificativa do progresso.

No início do século XX, o progresso era determinado pela expansão territorial e o domínio industrial dos norte-americanos e europeus (França e Inglaterra) e os países que procuravam o desenvolvimento aliavam-se a eles. Os governantes brasileiros para demonstrarem a boa administração e o país com sua necessidade latente em crescer economicamente, e construir sua estrutura social e cultural, fizeram aliança com esses países e permitiu que costumes e tradições vindas do exterior influenciassem a sociedade brasileira e, consequentemente, assumissem outro valor.

Souza denuncia esse aspecto impositivo do governo brasileiro em desconsiderar a cultura nativa brasileira trazendo as influências externas ao exterminar quase por completo um povo denominado pelos civilizados de caripuna.

> Naquela época a maloca quase não tinha mais nenhuma família, muitos tinham se mudado... ou estavam mortos, ou viviam com os civilizados trabalhando como seringueiros ou bebendo cachaça em Santo Antonio. (SOUZA, 1985, p. 69)

Vários homens oriundos de diversas nações morreram ao aceitarem fazer parte do empreendimento de construção da ferrovia, mas também o povo autóctone foi duramente castigado e exterminado. A técnica utilizada pelos civilizados foi a força armada, a mesma dos colonizadores. Essa forma de conquista territorial reduziu de forma drástica a identidade, a religião, cultura e a linguagem das chamadas "culturas tradicionais".

O ser humano só pode construir sua identidade na interação com o outro. E o primeiro espaço dessa interação é a linguagem ou comunicação, o que não ocorreu entre os homens dessa grande obra. Essa interação é feita pela linguagem e temos sempre objetivos a serem alcançados, sejam relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar ou até comportamentos que queremos ver de uma maneira ou outra.

Na citação abaixo o narrador registra o momento em que os alemães, em seu próprio idioma, falam sobre as mulheres negras com objetivo de ofender os barbadianos.

> Homens experientes, os barbadianos procuravam não se envolver pelos insultos e provocações, mas os alemães eram grosseiros e duros... quando o emporcalhado alemão disse ao outro que iria abrir um bordel de negras amestradas que saberia escolher as negras mais experimentadas entre as mães dos barbadianos. (SOUZA, 1985, p. 27 e 28)

Outro momento que a linguagem inadequada prejudica a harmonia é a resposta de um barbadiano a outro: "Sabe lá, eles enrolam muito a língua, é difícil entender o que eles querem." (SOUZA, 1985, pág. 28) Não havendo comunicação ou linguagem compreendida, consequentemente, não haverá uma boa relação entre os homens, ainda mais com a reinterpretação da realidade e todas as transformações culturais que deveriam enfrentar.

Os propósitos do governo brasileiro em estabelecer uma nova rota, que era a construção da ferrovia, para atender acordos políticos trouxe o sonho de muitos homens corajosos de várias nações. Muitos deles ao chegar constataram que a atividade não era tão rentável como se dizia, enfrentaram jornadas de trabalho desumanas, ausência de infraestrutura

médico-sanitária, ataques de índios e outros milhares encontraram a morte na selva, gerando consequências irreparáveis ao empreendimento. Além disso, a contínua queda da extração do látex no Brasil e a crescente vulcanização da borracha nos Estados Unidos resultaram no declínio dos serviços.

Em 1912, finalmente, em meio a essa história *que não passa de um romance,* foi inaugurada a estrada de ferro Madeira-Mamoré.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, constata-se que a obra, *Mad Maria*, de Márcio Souza, é desenvolvida com base em fatos reais relacionados à construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, em Porto Velho-Rondônia, como uma denúncia social de forma crítica demonstrando a grande exploração do trabalho humano, sem respeito à dignidade do homem.

Os fatos históricos retratados se reportam ao início do século XX, exatamente entre 1907 e 1912, e muitos homens de várias nacionalidades compraram o sonho, com suas reservas de coragem e energia, de viver um novo desafio. Quando os imigrantes chegaram, constataram que a atividade não era tão vantajosa como lhe foi dita, e à medida que a obra avançava, os homens vivenciavam o ataque dos insetos, a insalubridade dos pântanos, jornadas insanas de trabalho e o perigo das doenças tropicais. Ainda, a cada trilho assentado, às vezes uma vida era ceifada, os medos estavam latentes. Eles foram trazidos para essa “magnífica” obra de engenharia ferroviária, sendo vítimas de uma retórica enganosa, em razão da situação que os envolvia, acreditando que através de um contrato promissor “numa região paradisíaca” encontrariam a oportunidade tão sonhada, pois os seus países de origem estavam passando por problemas econômicos e sociais.

Souza faz a articulação harmônica entre fatos reais e ficcionais nas vozes dos personagens, utilizando as expressões linguísticas caracterizadas pelo romance histórico e com recursos literários, como função social e ideológica. Ele cria três tramas que ocorrem ao mesmo tempo, e que no decorrer dos acontecimentos se cruzam para seus desfechos. Utiliza um excelente recurso de narração que ora é onisciente observador, ora é uma câmera que registra todos os detalhes do enredo.

Esse foi o traçado da obra que riscou do mapa centenas de pessoas de várias idades e procedências, nasceu da ganância de alguns e morreu no abandono, às vistas de todos, empresários e poder público.

Considerando as pesquisas realizadas concluo que esse trabalho traz relevância em dois aspectos: científica e social. Científica pelo ineditismo na análise da obra e as características literárias apresentadas, e, Social pela exposição das denúncias sociais relatadas pelo autor que envolveu os personagens do romance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução Maria Zélia Barbosa. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** São Paulo: Três, 1984. Disponível em: http://www.culturatura.com.br/obras/Os%20Sert%C3%B5es.pdf acesso em 03/01/2016 às 12h22.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. Pará: Editora UNAMA, 1909. Arquivo eletrônico disponível em: www.nead.unama.br

FALABRETTI, Ericson. OLIVEIRA, Joelson. **Filosofia: O livro das perguntas**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

FORACCHI. Marialice Mencarini. MARTINS, José de Souza. **Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à Sociologia.** 21ª reimpr. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2006.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** 2ª edição. Manaus: Ed. Valer, 2007.

HARDMAN, Francisco Foot. **O trem fantasma – A modernidade na selva.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

JOANILHO, André Luiz. **História, política e sociedade.** Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2009.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes – vol. 2**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LUKÁCS, Gyorgy. **O romance histórico**. Tradução Ruben Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1964.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fatos da literatura amazonense**. 2ª ed. rev. Manaus: Ed Universidade do Amazonas, 1998.

SILVA, José Potyguara Frota da. **Terra caída.** 3ª ed. São Paulo: Globo, 2007.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo.** São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1978.

SOUZA, Márcio. **Galvez, imperador do Acre**. 1ª ed. 17ª reimpr. Rio de Janeiro: Ed Marco Zero, 1976.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed Marco Zero, 1985.